

TRIBUNA DE COIMBRA

A nova filosofia da tutela de menores

É paradigmático o caso do B. J., quanto ao modo como alguns Tribunais interpretam a nova filosofia da tutela de menores e sobre ela legislam.

Foi no final da Primavera passada que um Procurador do Ministério Público nos contactou no sentido de acolhermos um menor em risco. O problema envolvente era a toxicoddependência de familiares próximos a quem esteve entregue. Não havia outra solução senão retirar o pequeno, de oito anos, ao ambiente familiar «nefasto» em que vivia. A caracterização de «nefasto» consta do ofício que pede o seu acolhimento. Dissemos na altura que não, alegando a falta de espaço, embora tenha pesado um certo desconforto já experimentado em outros casos semelhantes, aos sermos posteriormente surpreendidos com decisões judiciais insólitas. Entretanto prometemos, como é nosso hábito, tomar conhecimento pessoal do assunto. O que os papéis dizem não é suficiente.

Em dia aprazado lá fomos. Primeiro, à casa do dito e depois à escola. Em casa deste, acompanhados por uma assistente social, fomos recebidos friamente e com algumas ameaças contundentes como se ali tivés-

semos ido como malfeitores. Regressámos tristes por nada termos feito, nem sequer falado com o menor.

Algumas semanas mais tarde o próprio Procurador, ao telefone, pede encarecidamente o acolhimento porque outras soluções não se apresentam viáveis. Sempre nos foi dito que o menino gozava de forte apego afectivo aos familiares que o tratavam, mas que isso não bastava, já que na escola e na comunidade envolvente era notório o estado de negligência a que ele era votado.

Motivados por este apelo, decidimos ir directamente ao Tribunal. Logo o Juiz se apressou a pedir à polícia que ali fizesse comparecer o menor. Uma curta conversa com ele e sugeriu-se-lhe, assim como aos familiares e ao Tribunal, uma experiência na Casa do Gaiato. Ainda nesse dia a polícia acompanhada por uma funcionária judicial trouxeram o rapazinho a nossa Casa.

O miúdo foi fazendo a adaptação possível, não deixando os familiares de o visitar com uma frequência

que, quanto a nós, parecia excessiva. Mas, dada a ligação afectiva, até consentimos que uma ou outra vez partilhassem as refeições connosco. Passado um mês, a criança desapareceu com eles sem que nos tivéssemos apercebido. Prontamente foi informado o Tribunal sobre o assunto para que decidisse o mais conveniente. Recebemos, quase na volta do correio, para nosso conhecimento, a fotocópia da decisão judicial que o entregava aos referidos familiares.

Continua na página 4

África

O Manifesto para a Paz em Angola — pensado, assumido e proclamado por angolanos que o Mundo não tem ouvido nem considerado como Voz de Angola e o são com tanta verdade e direito como as outras duas vozes com exclusivo de audiência até agora (começámos a publicá-lo e a reflecti-lo, há quinze dias) — prossegue:

«Infelizmente a guerra continua a ser usada contra as populações angolanas enquanto os detentores da força saqueiam as riquezas do país com a parceria e cumplicidade de países e aventureiros estrangeiros. O petróleo, os diamantes e as suas receitas são a principal fonte de cobiça dos governantes, dos rebeldes e de países como os Estados Unidos, França, Inglaterra, Brasil, Rússia e Portugal.»

Aqui, uma pausa para desabafo de uma dor e uma chamada de atenção. O parágrafo transcrito é exacto como retrato fiel da realidade. Entre os «parceiros e cúmplices» dos «detentores da força» é contado Portugal. Dói, na verdade, que vinte e seis

Continua na página 4

MOÇAMBIQUE

Quantas vidas já salvas!

O nome que demos ao Centro de Apoio da Massaca I, de início, foi Pro-Vida. Deixámos de lado o nome, mas a ideia-força continua. Quantas vidas já salvas! Quantas crianças, levadas à pressa ao Hospital Central e a Clínicas de urgência, teriam morrido! O Povo sem recursos e quantas vezes só assistido pelo curandeiro ou, pior, por pessoas que aproveitam injeções vencidas no prazo de validade, sem desinfecção de agulhas, aplicam o mesmo antibiótico por toda a espécie de doença — como encontramos na Massaca — procura, agora, confiante, um apoio que nunca negámos. Quantas crianças em fase de desnutrição aguda, ali fizeram e fazem a recuperação! Passam de seis mil malárias assistidas, este ano. Bem haja a Associação dos Amigos de Raoul Follereau que nos custeou, no ano pas-

sado, os remédios da malária e nos visitou, há dias, para confirmar. As senhoras apreciaram, avaliaram e contamos com o apoio para o próximo ano.

AGORA, a Inspeção de Saúde, alarmada com a transmissão da sida nos postos sanitários, vem urgir de nós o uso individualizado de instrumentos para curativos, esterilizados em autoclave porque a estufa eléctrica não assegura assepsia. Não adianta esperar que a saúde também cumpra o que prescreve, ou que nos ajude, mas esperamos atingir essa normalização, como de costume, com ajudas dos que repartem connosco.

A ser verdade que mais de quarenta por cento das pessoas, nas cidades de fronteira, estão contaminadas e mais de setecentas, por dia, contraem o vírus, mormente nos postos de saúde, por utili-

zação de instrumentos deficientemente esterilizados, é indesculpável o agravamento. Confiantes na bondade que Deus planta no coração dos nossos Amigos, já encomendámos o material necessário.

Não temos, até hoje, em nossa Casa, tanto quanto os exames são fiáveis, nenhum rapaz atingido, mas temos doze, sim, de pais que morreram com a doença. Já localizámos, na Massaca, pessoas com o mal, também; e algumas morreram. Na Creche da Massaca temos cinco a serem cuidadosamente acompanhadas. Precisamos de um posto de saúde novo, com instalações adequadas à permanência diária dessas crianças. As Irmãs da Madre Teresa vão à frente com uma casa exclusiva para as crianças com sida, em Maputo.

Continua na página 4

SETÚBAL

Peço uma Mãe para o Lar de Setúbal

HÁ várias quinzenas que peço, aqui, uma Mãe para o Lar do Gaiato de Setúbal. Não é um pedido qualquer. É um apelo aflito.

Apareceu-me uma senhora que pretendia ser «directora do Lar», apresentando-me as suas credenciais. Nenhuma delas servia.

A Obra da Rua não tem directores. Director é um apelido mundano. Somos, sim, orientadores. Indicamos bons caminhos. Aqueles que constroem o homem. Todas as que se dedicam ao rapaz sem Mãe, são orientadoras da sua intimidade e do seu exterior.

Como a natureza, também o apelo da sobrenaturalidade que é dado pela Fé e pela Graça. A orientadora é Mãe. Dá o seu amor sempre, ininterruptamente, aos filhos que a rodeiam e dela se abeiram com aquele jeito instintivo que todos trazemos ao nascer!... — Mãe.

A Mãe é amparo, o conforto, o alento, a segurança. A Mãe dá gratuitamente, sem procurar outra recompensa senão que o seu filho aceite o seu amor! É um amor gratuito!... Como o de Deus! Também Deus só quer que aceitemos o Seu amor!

Neste ano, dedicado a Deus Pai pelos cristãos, será que nenhuma Mulher se sentirá impelida a responder ao convite de partilhar com o Senhor a sua maternidade?!...

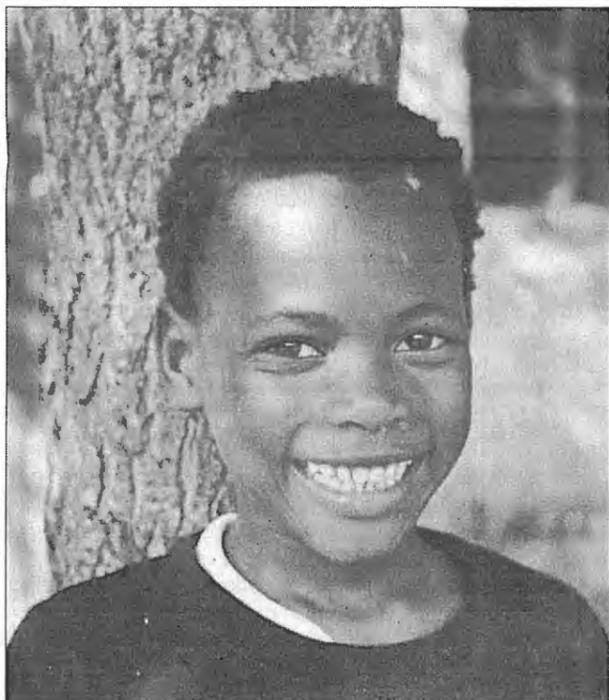
Dizem os Teólogos que a paternidade divina é mais ternura, carinho e sentimento maternal do que firmeza e amor paternos. É uma mistura de corações com mais peso para o feminino do que para o masculino.

Hoje, cheguei cedo ao Lar. Os rapazes não tiveram aulas numa das escolas e regressavam a Casa.

Num dia de chuva, com tanta e tão boa roupa em Casa, os rapazes vinham, alguns, em camisa!...

O que lhes falta? Não é a roupa. É a Mãe.

Padre Acílio



Casa do Gaiato de Moçambique — O sorriso africano do Vicente, desperta toda a gente!

Pelas CASAS DO GAIATO

Conferência de Paço de Sousa

OBRAS — Das que temos em mãos — ora para a utente de uma moradia do Património dos Pobres, referida na última edição — há um pormenor que não poderíamos deixar de acentuar: a generosidade da família que, naquele tempo, cedeu o terreno para a construção da sua casa e, hoje, outra nesga mais para que «tudo fique melhor», uma obra mais equitativa.

É certo que não desejaríamos tanto. Apenas o estritamente necessário. Mas recebemos, logo, ali, pessoalmente, a resposta de um coração grande: — Assim é que fica bem!

SERVIÇO DOS POBRES

— Fala o Santo Padre: «São mais do que nunca urgentes, o despertar e a educação de todos os membros da comunidade cristã para as suas responsabilidades em relação aos Pobres. Quem não ama o seu irmão, a quem vê, não poderá amar a Deus a Quem não vê. Os discípulos de Cristo são exortados a seguir o seu Mestre pelos caminhos que Ele mesmo traçou, dando a própria vida pela humanidade despojada e desvirtuada. Por conseguinte, situando-se na mesma lógica do amor vivido em conformidade com Cristo, a Igreja deve ser completamente solidária para com os mais humildes. Não se trata de uma tarefa facultativa, mas de um dever imprescindível de fidelidade ao Evangelho, do seu acolhimento e do seu anúncio. Tal fidelidade passa através do cuidado dos membros mais frágeis do Corpo de Cristo, bem como de cada pessoa humana. Que os baptizados se coloquem à escuta dos mais pobres e das suas aspirações, para serem, no meio deles, verdadeiras testemunhas da Salvação que Cristo concede a cada homem! Oxalá adquiram um verdadeiro sentido da partilha, expressão do seu amor pelo Próximo! A caridade é o amor aos Pobres, a ternura e a compaixão para com o nosso Próximo. Nada honra mais a Deus do que a misericórdia!»

Através dos Pobres, é o mesmo rosto do Senhor que se manifesta. Ele faz-nos dar testemunho, incessantemente, de que 'cada ser mortificado no corpo ou no espírito, cada pessoa privada dos próprios direitos fundamentais é uma imagem viva de Cristo'. Portanto, o encontro do Senhor leva-nos naturalmente a colocarmo-nos ao serviço dos mais pequeninos dos nossos irmãos. A atitude de respeito, de partilha e de compaixão para com os Pobres é um reflexo da nossa fidelidade a Cristo. Cada cristão que, com a sua debilidade, estende a mão ao próprio irmão, ajuda-o a erguer-se e a retomar o caminho, agindo deste modo à maneira do próprio Senhor. 'A Caridade, na sua dupla face de amor a Deus e aos irmãos, é a síntese da vida moral do crente. Tem em

Deus a sua nascente e a sua meta'».

PARTILHA — Cinco mil, da assinante 16803, de Loures, «com muito amor e carinho pelos Pobres».

Vila Nova de Gaia: idem, da assinante 35193, remanescente de contas d'O GAIATO e de livros da nossa Editorial.

O mesmo, da assinante 21963, de Faro: «O Senhor abra os corações dos que podem dar. Sou leitora d'O GAIATO há muito tempo, sendo o vosso jornal um catecismo para os que têm fé. Como me custa ler tanta Miséria nele descrita!»

«A contribuição habitual, que se refere ao mês em curso, Outubro», da assinante 14493, do Porto.

Mil, do assinante 60848, do Porto, também com um recado do coração: «Oportunamente, espero dar nova contribuição para a Conferência do Santíssimo Nome de Jesus». Uma promessa aos Pobres.

O casal-assinante 25881, de Vendas de Azeitão, com um louvor ao grande Sacramento do Matrimónio:

«Hoje, fazemos trinta e seis anos de casados, louvado seja Deus! Altos e baixos, alegrias e incompreensões são os nossos pecados. Mas o Senhor em Quem confiamos, tem-nos tratado sempre com uma ternura sensível. Oxalá tenhamos sabido corresponder, activamente, e segundo a Sua Vontade.»

Temos três filhos (duas senhoras e um senhor) a quem nunca saberemos agradecer o que eles são. Enfim, só Deus sabe.

Pai Américo foi para o Senhor no dia em que eu fiz vinte e seis anos. Tenho sentido uma protecção sensível através d'O GAIATO a quem muito devo na minha formação.

Enviamos um pequeno cheque que fará o favor de dividir pelo Jornal e pela Conferência do Santíssimo Nome de Jesus.» Tanta delicadeza cristã, santo Deus! E os nossos parabéns.

Em nome dos Pobres, muito obrigado.

O nosso endereço: Conferência do Santíssimo Nome de Jesus, a/c do Jornal O GAIATO, 4560 Paço de Sousa.

Júlio Mendes

PAÇO DE SOUSA

MATANÇA — Foi abatido um porco e temos carne para a nossa alimentação. Ainda há muitos porcos, na pocilga, para o Natal...

FESTAS — O companheiro Zé António tem ensaiado um grupo para realizar a festa de Natal. Quem quiser, poderá vir assistir com a sua alegria, e sairá de nossa Casa mais contente.

LIMPEZA — A malta que se dedica à limpeza dos caminhos da nossa Aldeia tem agora mais serviço, porque estamos no Outono, as folhas

caem e há que varrer as ruas, a brincar. O Neca é o responsável do grupo.

CASTANHEIROS — Têm muitas castanhas! As professoras da Escola Primária, que ensinam da parte da manhã, já andaram com os alunos a apanhar delas para o magusto, que será brevemente.

MAIS UM — Recebemos, em nossa Casa, mais um, de Trás-os-Montes. Frequenta o 5.º ano do Ensino Básico. Tem 12 anos de idade. E chama-se Ricardo.

TEMPORAL — No dia do aniversário de nascimento de Pai Américo, como em todo o Norte do País, também fomos vítimas dum violento temporal que abateu duas árvores junto à Capela e outra no campo de futebol.

Felizmente, ninguém foi atingido nem beliscado com tudo isto. Graças a Deus!

Filipe David

FUTEBOL — No dia 16 de Outubro fomos à Casa do Gaiato de Santo Antão do Tojal, com o intuito de realizar um convívio.

Chegámos por volta das 11,30 horas e fomos muito bem recebidos.

Aproveitámos para conhecer a Casa e confraternizar com os nossos irmãos.

Às 15 horas disputámos um jogo de futebol. Previa-se uma partida renhida, mas a nossa resistência durou pouco.

O adversário, melhor preparado física e taticamente, tomou conta do jogo e ao intervalo já desejávamos que o encontro terminasse... Tínhamos encaixado cinco e somente marcado um golo.

No balneário rectificámos posições. No reatamento acumulámos erros atrás de erros e não tivemos perdão: levámos 12-2.

Uma palavra para o adversário: parabéns.

Temos agora muito trabalho pela frente, pois sem trabalho sério nada se consegue.

«Nelito»

TOJAL

ENCONTRO DE IRMÃOS

— Em 16 de Outubro, recebemos a visita dos nossos companheiros de Paço de Sousa. Um grupo de 25 gaiatos veio conviver connosco e conhecer a nossa Aldeia durante o dia.

Após o almoço houve a habitual partida de futebol. Vencemos, mas o resultado seria o menos importante. O convívio e as novas amizades foram o objectivo alcançado. Esperamos poder realizar estes encontros mais vezes, extensivos às outras Casas do Gaiato, para que essa amizade se venha a cimentar entre todos os gaiatos da Obra da Rua.

Aproveitamos esta coluna para informar que estamos disponíveis para receber, cá em Casa, outros grupos para testarmos os nossos craques.

Informações pelo telefone 01-9749019 — Nelson «Tolinhas» ou Luís «Grande».

Luís Miguel

LAR DO PORTO

CONFERÊNCIA DE S. FRANCISCO DE ASSIS

— Vinte e três de Outubro, data em que Pai Américo faz 112 anos que veio a este mundo.

Todos nós, gaiatos, bendizemos esta data. Mas não somos só nós. Porque Pai Américo

está sempre presente, onde há um Pobre a necessitar de ajuda.

Ele escreve assim, no seu livro *Doutrina*: «Em todos os Lares e Quintas mantemos grupos de vicentinos os quais visitam igualmente os seus Pobres. Não escolhemos. Aceita-se o rapaz de boa vontade. As Conferências estão oficialmente reconhecidas e do seu movimento costuma falar o Boletim».

É perante estas directrizes que nós trabalhamos. Com as nossas fraquezas, com as nossas virtudes, mas só uma intenção: servir os Pobres, como Pai Américo sempre fez. É sob a protecção dele que visitamos os nossos Pobres. Neles vemos sempre a sua presença. Foi ele que nos ensinou os caminhos do Barredo e outros, onde há gente a passar necessidades e onde os senhores de cartola não chegam. Pai Américo está presente, sempre que pisamos aquelas escadas que rangem por todo o lado, com tabiques de madeira tortos, que mal aguentam as divisórias dos quartos e apartamentos em tábuas tortas.

Que nós saibamos dizer e rezar como Ele escreveu no *Pão dos Pobres*: «Senhor do Céu, que eu caminhe sempre por vias áspers e de alma alanceada pela sorte dos meus irmãos».

Antes de entrarmos em férias, visitámos os nossos amigos, deixando-os precavidos para os dias de ausência. Agora, quando da nossa visita, encontramos algumas diferenças. A senhora da hemodiálise, parece que vai desaparecendo aos poucos. A viúva que tem o filho atrasadinho, tem de recomençar a trabalhar, embora continue doente. O casal de velhinhos estão muito magrinhos. Contam que ele esteve muito doente e que tiveram de ir ao hospital. Agora, anda a tomar remédios para a cabeça. Ela já ouve muito mal. É um caso sério para nos entendermos. Dos netos, soubemos que o mais velho trabalha numa churrasqueira e só vai dormir a

casa. Outro está em casa duma irmã que se juntou a um homem. Mas ela trabalha e parece que dá boa conta de si. Da última vez que a vimos, assim nos pareceu. Deus queira que sim. Muito temos pedido a Pai Américo que os proteja. Os outros netinhos lá andam acima e abaixo com a mãe. Durante o dia estão na avó, onde a mãe faz a comida para eles e para os avós, também. À noite, vão dormir com o pai. Ele, com o bacilo da tuberculose, está a receber um subsídio até Novembro deste ano. Será o subsídio que o vai curar da doença? Com ele paga a pensão dormindo todos no mesmo quarto. Não sabemos como vai ser depois de Novembro. Sabemos é que as crianças dormem com um doente que os pode marcar para toda a vida. Esta é a assistência social que temos no nosso País! O pai destas crianças tentou ir trabalhar para Angola, e foi lá que foi detectada a doença, o que obrigou ao seu regresso. Portanto, já ia com a doença.

CAMPANHA TENHA O SEU POBRE — Por uma intenção particular, Fernando, do Porto, 5.000\$00. O dobro de M.M.

J.R.D. marca, mais uma vez, presença com 2.000\$00. Ester Martins, 5.000\$00.

Agradecemos e Pai Américo interceda por vós, junto do Pai do Céu.

Conferência de S. Francisco de Assis — R. D. João IV, 682 — 4000 Porto.

Olga e Valdemar

Tiragem média d'O GAIATO, por edição, no mês de Outubro, 65.400 exemplares.

BENGUELA

A criança da Rua

É um tema actual, a nível de responsáveis pelo sector. É preciso tirá-las da Rua, pelo menos reduzir o seu número. Esta é a grande preocupação, de momento. Muitas não frequentam a escola, por falta de lugar. Outras, deixam a escola normal para entrar na da Rua. Está em marcha um programa destinado a dar acolhimento, não a Instituições existentes, a todas as crianças da Rua. A Casa do Gaiato, porém, não pode receber mais, pois está superlotada. Estou a referir-me às crianças desta zona.

Há iniciativas interessantes, fruto de boas vontades, mas falta-lhes a porta para o futuro. Enquanto estão na idade escolar do ensino básico dos primeiros níveis têm apoio. Depois..., eis o problema. São necessários outros centros de formação profissional.

A maioria das crianças que passam os dias na Rua tem alguma família. Qualquer instituição para elas há-de ter um carácter transitório. Serão centros de acolhimento provisório, até que a criança recupere a estabilidade necessária e possa, de novo, integrar-se na família. Entretanto, vai frequentando a escola e exercendo actividades normais extra-escolares. A desocupação continua a ser mãe de muitos vícios. E a ocupação é remédio para muitos males.

O trabalho com as crianças da Rua pede muito amor, muita devoção para que o desânimo não leve de vencida as iniciativas assumidas com muito entusiasmo.

A situação económica é desastrosa. Grande percentagem de crianças nascem de meninas imaturas. A família não existe. Eis a nascente do rio que vai desaguar na Rua. Se acrescentarmos as que perderam a família por causa da guerra e outras razões mais, o caudal aumenta assustadoramente.

Que fazer? Cruzar os braços? Não. Ir tanto quanto possível à raiz do mal, é decisão acertada. É um trabalho enorme a fazer, a nível de comunidade, de grupos, de centros, de associações, etc. É preciso criatividade. Está em causa não só o presente, mas o futuro da Igreja e da Nação. Por isso, acompanhamos com a nossa ajuda a construção da creche no coração do bairro. Mais outra nasceu. Quem dera se multipliquem.

A escola continua a sua actividade normal. O ano lectivo encaminha-se para o fim. O material escolar, verdadeiro quebra-cabeças de pais e alunos, tem chegado. É uma grande riqueza posta em nossas mãos para os que frequentam a escola. Oxalá não se esgote este manancial que tem a sua nascente no coração dos que nos acompanham. Obrigado.

Padre Manuel António



Malanje — «Com as primeiras chuvas floriram os jacarandás, de cor lilás, viva, repousante.» Que pena, não encontramos um deles em nosso arquivo!

Jacarandás

22/09/99

CAIÁRAM as primeiras chuvas!

Floriram os jacarandás!
Uma cor lilás, viva, repousante.

Indiferente à guerra e à fome, a Natureza, imperturbável e bela, segue o seu ritmo. Ainda há pouco, as colinas eram tições apagados; hoje, um ondeado de morros verdes abraçados por estes Sol do planalto.

Nem sequer esta Natureza estonteante deu pelo velhinho sentado na escada da nossa Capela, de pedra rósea... Quando tomava banho no riacho, roubaram-lhe as calças e a camisa. Demos calças e camisa; a seguir, pediu sabão; depois, farinha de milho; e, e sempre mais...

Ele não sabe olhar os jacarandás floridos!

Nem os pássaros sabem ler no cordame das suas costelas!

Indiferente, levantou-se

Malanje

trémulo e seguiu para a sua sanzala.

Tribunal

23/9/99

FORAM julgados cinco «Batatinhas» por terem tirado e partido ao meio cinco facas do refeitório. Pretendiam fazer facas de bolso nas suas «oficinas» de carrinhos de lata.

O chefe fez o tribunal e aproveitou para dizer e dizer do desaparecimento dos talheres — colheres, copos e pratos. Uma dor de cabeça! Algumas vezes deixam-nos despachados e os passantes levam-nos. Outros, são eles que os dão: — *Dá-me uma colher* — e eles ala.

Ainda, quando em férias, embiquei para o portão da cutelaria de Guimarães.

Mas estava fechada... Valeu o nosso Padre Chico, de Sendim, com garfos e facas de Palaçoulo.

Mas, o que importa — como o chefe falou — é o sentido de responsabilidade daquele que controla. E todos nos mentalizarmos sobre o valor das coisas que pertencem a todos.

Buganvílias

25/9/99

JÁ quase escuro, dei com dois vultos junto às sebes de buganvílias. Eram duas mulheres da «Cidade da Alegria» que, afanosamente, catavam as folhas mais tenras.

— Que fazem?
— *É prò jantar...*

E eu julgava que as buganvílias só serviam para

os poetas! Em vez de poesia, panela com elas... Folhas cozidas sem óleo! Tantas sobras na Europa «cristã»! Montes de comida que se deitam fora!

Uma empresa estatal pediu um barco para transportar batata em perigo de se estragar... Não houve! Os barcos das nações ricas trazem minas e canhões!

Cozinha para duas sanzalas

26/Domingo/99

VISITEI ontem duas sanzalas — refugiados do Quela e de Caombo — quatrocentos e duzentos habitantes, respectivamente.

Dois grupos desnutridos... Dias sem comer! Como é possível resistir com trinta quilos de milho, ou seja, cinco quilos por pessoa durante um mês?

Menos um canhão e estes filhos de Deus teriam arroz e óleo durante um ano! Contas fáceis de fazer... Porém, a lógica não entra. Paredes de aço contra a razão.

Combinámos com o nosso professor Afonso — os dois grupos ficam perto da sua habitação — pormos em funcionamento uma cozinha no seu quintal. Claro que contamos com o teu quilo de leite mensal.

Amanhã, os dois grupos vão alisar e vedar o terreno e os nossos serralheiros cortar um tamborão ao meio para duas panelas. Tudo simples, em contraste com as grandes complicações do mundo.

Padre Telmo

ENCONTROS EM LISBOA

Parábola das dez virgens

HÁ parábolas no Evangelho que muito gostaria que fossem lidas e interiorizadas por alguns dos meus miúdos e também por outros jovens que vão crescendo sem se aperceberem das oportunidades que vão deixando para trás. Depois, às vezes muito depois, olham e dizem que foram como loucos. O nosso povo tem uma expressão a que acho alguma piada: «*Depois, torce-se a orelha e não deita molho*».

Refiro-me à parábola das dez virgens que foram ao encontro do esposo. Cinco eram loucas e cinco eram prudentes. Estas levaram azeite em seus vasos para as suas lâmpadas; aquelas, porém, na euforia do encontro, nada prepararam. Acabaram por não ter o encontro com o esposo e ficar fora do banquete.

No meio da parábola, aparece uma pequena coisa que me chama a atenção: o diálogo entre as virgens loucas e as prudentes. As virgens loucas imploram um pouco de azeite às prudentes e estas são taxativas com um não. Numa leitura apressada, poderíamos dizer que as virgens prudentes foram «mázinhas» e, no Evangelho, só esperaríamos exemplos de gente «boazinha», que desse uma «mãozinha». Aprofundando um pouco mais, somos levados a concluir que as virgens prudentes estavam certas. A sua atitude fez com que as loucas se tivessem que enfrentar com a sua irresponsabilidade e assumissem os seus erros.

Voltando à minha introdução — sinto que, em muitas ocasiões, quem tem a responsabilidade de educar toma uma atitude boazinha, sempre a dar oportunidades, e essas oportunidades sempre a serem desperdiçadas. Reconheço que há pessoas que vão crescendo pela vida além sem nunca assumirem responsabilidades, numa eterna adolescência, atirando sempre as culpas para cima dos outros. Reconheço, também, a forma ligeira com que se trata a ineptabilidade de uns tantos que se tornam exemplo para outros e, como temos sempre enorme facilidade em aprender com os maus exemplos, a irresponsabilidade campeia. Vão-se buscar causas psicológicas, sociais, estruturais e colocam-se técnicos e mais técnicos só com a finalidade de absorver, passar a esponja, desculpabilizar, etc., só para não termos o difícil e penoso ónus de dizer: tu és responsável e deves enfrentar essa tua responsabilidade.

Tenho, neste momento, que eu saiba, um miúdo que arruma carros nas ruas de Lisboa. Conta histórias de partir o coração a fim de conseguir alguns «trocós» e ele é sempre vítima em todas essas histórias. No entanto, vendo a sua história verdadeira, foi um miúdo que teve todas as oportunidades: estudo, empregos, etc. Tudo desperdiçou, uns dias por causa da mãe, outros por causa do pai, outros ainda por causa do padrasto ou da irmã ou dos colegas — nunca por sua culpa. E creio que, infelizmente, assim vai continuar. Quando Pai Américo tanto se insurgia contra a esmola na rua tinha esta experiência. Temos que encontrar, para muitas situações que se nos deparam, a coragem de dizer não, caso contrário só estamos a prolongar o caminho da irresponsabilidade que compensa. Aprendamos com as virgens prudentes para não termos pontos de encontro choradinhos, bem ao gosto de um coração louco que põe de parte um mínimo de bom senso e de racionalidade.

Padre Manuel Cristóvão

CALVÁRIO

O perfume da maçã

ONelito vem do pomar transportando maçãs no pequeno carro de mão. À porta do fruteiro, onde o aguardo, diz-me sorrindo:

— *As nossas maçãs cheiram bem. Parece que há perfume ali dentro.*

— Sabes porquê? É do estrume que colocámos na raiz das árvores durante o Inverno. A natureza é capaz destas transformações!

O rapaz não compreende a relação de uma coisa com a outra: o estrume que fertiliza e o perfume que o fruto exala. Mas eu descortino-a.

E começo a olhar para o Calvário. Também ali se respira calma e paz que confundem o visitante desprevenido, a pensar somente em doentes sem cura. Era natural que doentes como eles, com grandes limitações e mazelas físicas e morais, mostrassem ar de tristeza e de dor. Mas não. A razão do ar sereno vem do antecedente período por

que passaram, desde a rejeição às dificuldades da vida sem horizonte. Tudo isto se acumulou no seu viver.

Hoje, que são acolhidos e aceites uns pelos outros, não hesitam em sorrir para o que lhes vai acontecendo. A paz regressa ao seu interior e transparece.

Estes doentes apreciam agora melhor o que têm, depois do que passaram. São vidas adubadas com muitas amarguras a olharem o presente com gratidão e esperança. Por isso, espantam quem chega e perturbam com a calma quem os visita. A sua paz brota de dentro, como o perfume das maçãs.

A Superiora de uma Ordem religiosa pediu-me, há tempos, para vir com a comunidade visitar o Calvário. O seu gosto era trazer um pouco de consolação a estes doentes. As Religiosas apareceram, deram as voltas que quiseram pela Casa e observaram tudo e todos.



Falaram com os doentes e escutaram muitas histórias.

No final do percurso, a Superiora veio ter comigo e desabafou:

— *Respira-se aqui uma paz que nos encanta. Nós trazíamos umas recordações para eles, mas levamos tudo outra vez. Desejávamos confortá-los, mas quem regressa consolada somos nós com a alegria que eles transmitem. Enganamo-nos. Eles estão numa enorme paz e o perfume dela penetra-nos a alma.*

Se eles não tivessem passado por dificuldades, mas vivido na abundância de

bens e saúde, certamente não estariam tão serenos, nem sorririam com a espontaneidade com que o fazem. A lembrança da abundância perdida gera tristeza. A aceitação do bem de que se dispõe conduz à paz.

A nossa sociedade mostra-se aborrecida porque vive na abundância e nunca tem tudo quanto desejava.

Aquele que tem mais do que esperava, que sabe valer mais do que quanto possa ter ou aparentar, é feliz. Até as feridas que a natureza, os homens ou circunstâncias adversas, infligem ao corpo, não o esmagam quando ele descobre, no seu íntimo, os valores imperecíveis e com eles avança nos caminhos da vida e da libertação. Esta é a verdadeira ciência de bem viver, pois o centro da vida está no interior de cada um e é de lá que brota toda a capacidade de superação. E os simples possuem este saber.

O Nelito regala-se ao subir para o fruteiro, sentindo o perfume das maçãs. Eu regalei-me ao ver as Irmãs partirem consoladas.

Quem dera que, ao regressarem a casa, todos sentissem o aroma da alegria e da paz.

Padre Baptista

PENSAMENTO

Dediquei-me aos Pobres, aos seus interesses, à sua causa. E se não ando como eles, descalço e remendado, é por medo que me prendam, que vontade não falta.

PAI AMÉRICO

África

Continuação da página 1

anos depois de uma descolonização dita «exemplar», Portugal surja imputado desta cumplicidade. E com fundamento; porque se o pecado não será tónico na «parceria no saque» — espero que não seja, efectivamente, a menos que por algum «aventureiro»... — é-o, com certeza, na cumplicidade de muitas omissões! Mas quero acentuar, acerca desta postura em falso, a distinção entre Portugal-Estado e Nação. Sim, este Portugal citado no grupo dos «parceiros» não coincide, não se identifica com os portugueses. Este Portugal é o dos políticos de quem o Povo manifesta tédio e se vem distanciando. Quem dera assim entendessem e, conseqüentemente distinguíssem, os membros do Povo de Angola que redigiram este notável documento!

E já que em pausa de desabafo e de denúncia de grave pecado de omissão, aproveito o parêntesis para repor em contexto mais adequado um texto que Padre Manuel António escreveu (e, por falta de espaço, saiu deslocado em *O Gaiato* de 28 de Agosto passado) a propósito da visita programada à Casa do Gaiato de Benguela de uma delegação da Assembleia da República

Portuguesa com o seu Presidente, a qual se não cumpriu por falta de tempo.

«Tive pena» — confessa Padre Manuel. «É que eu queria dizer à mui ilustre delegação algumas palavras, fruto de longa reflexão que venho fazendo pelo caminho já andado no meio deste Povo desde há trinta e seis anos».

Ei-las:

«Portugal tem uma dívida muito grande para com Angola. Tem, sim senhores. É uma dívida de ordem moral, sobretudo. E de ordem material também, quando em circunstâncias cruciais como esta que nos é dado viver, o problema é de vida ou de morte. O convívio de muitos séculos gerou laços naturais e morais semelhantes aos laços familiares. Tudo isto faz com que, a meu ver, a presença mais natural, sem exclusão de outras presenças junto deste Povo, deva ser a presença de Portugal. Trata-se, agora, dum Povo Irmão que tem possibilidades, se quiser, de ajudar, em sectores vitais, e de modo eficaz, a resolver alguns problemas. Não se trata de dar comprimidos, seja de aspirina ou semelhantes, para tirar dores de momento sem curar minimamente qualquer mal. Isso pode e é feito por outras nações em quanti-

dades mais substanciais. Sim, outras nações o fazem, sem que tenham aquela ligação de coração que existe e deve ser sustentada entre Portugal e Angola.

Admiro a presença de médicos coreanos, egípcios e outros, nos hospitais centrais. Estranho, com muita dor, a ausência de qualquer médico português nos mesmos hospitais. Temos sido atendidos com amizade e interesse quando buscamos os seus serviços para os nossos rapazes. Mas é triste que, em sector tão vital para o Povo, digo, para o Povo anónimo, Portugal não esteja presente. Quem poderia ser melhor entendido por esta gente, quer pela língua quer pela maneira de estar, do que um médico português?

E que dizer do sector da Educação? Onde estão os professores portugueses? Vejo outros, doutras nacionalidades. Em hora tão decisiva como é esta da curva longa da mudança por que Angola está a passar, com o desaparecimento dos mais velhos e o surgir duma Angola jovem, se falta o elemento vital da ligação com Portugal que se faz no coração do Povo, através das pessoas, sobretudo no ensino, na saúde e na assistência, como se pode falar, com verdade, da continuidade de Portugal no coração dos angolanos?

É certo que o capital, pelos bancos, empresas e outros meios vai entrando. Mas, que diz isso ao coração do Povo anónimo, que é a maioria absoluta da nação angolanos?

lana? Não têm dinheiro para pôr nos bancos! Não têm prédios para construir! Não precisam dos bancos portugueses porque os angolanos chegam. As empresas angolanas também bastam.

Como é que os políticos dizem que amam muito Angola, e não promovem nem estimulam a vinda destes Técnicos do Povo? Onde estão as leis que enquadrem de uma forma aliciante a aventura generosa e segura de gente de Portugal que venha misturar-se com a gente de Angola num dar as mãos com pureza de intenções?

Porque é que, há bastante tempo, duas professoras não puderam vir ajudar as crianças de Angola, por tempo indeterminado, sem qualquer encargo para o Estado português, a não ser a contagem do tempo, no seu currículo, enquanto estivessem a trabalhar em Angola? A resposta dada, na altura, pelo pelouro da Educação, foi que não havia lei que enquadrasse tal procedimento. Bateu-se à porta da Secretaria de Estado da Cooperação... e nem resposta houve!

O amor verdadeiro é estimulante. É deste amor verdadeiro que gostava de ouvir falar os políticos ilustres. É deste amor verdadeiro que Angola precisa sempre, mas, sobretudo, na hora aflitiva por que está a passar.»

Era isto que Padre Manuel António queria ter dito.

Padre Carlos

PATRIMÓNIO DOS POBRES

Desabafos e tristes notícias

GUIADOS pelas placas com o nome do bairro chegámos ao cruzamento de duas ruas onde encontramos um agente da Polícia de Segurança Pública. Parámos e perguntámos se nos indicava onde ficava o «bairro das latas». Com sorriso triste e admirado, respondeu: — *Têm lá alguém de família? É que aquele bairro é muito perigoso... Se lá forem, tenham muito cuidado!*

Como já não era a primeira vez que fomos ali, seguimos as ruas que ele indicou, novas com muitos e bons edifícios, até encontrarmos uma rua estreita, com piso abandonado, a dar acesso a ruínas muito estreitas que servem as numerosas e desalinhas barracas, com cheiro característico de pouca limpeza, de nenhum asseio. Fomos andando lentamente e, ao fundo da rua, torná-

mos a contemplar aquele caudal de mansardas mal construídas, à toa, onde vivem muitas centenas de seres humanos, sendo a maior parte crianças.

Continua a nossa família portuguesa a consentir que muitos tenham que viver em barracas e abarracadas! E a vida continua!...

DALI SEGUIMOS para outro concelho e só parámos junto da modesta habitação onde vivem as Criaditas dos Pobres. A Irmãzinha que estava perto a atender pessoas que as procuram, abriu a porta e acompanhou-nos à salinha ao lado onde outras duas Irmãzinhas preparavam, de costura, os sacos que no dia seguinte iam ao Banco Alimentar buscar os víveres que, de quinze em quinze dias, alimentam os carenciados que os procuram.

— *É um bem muito gran-*

de para os nossos Pobres! Muitos é só o que têm para viverem. São mais de quatro mil quilos de cada vez — confidenciaram aquelas Irmãs que consagraram e continuam a consagrar a sua vida de amor a Deus e aos Pobres. — É um grande bem!

Desabafaram que muitos tiveram que abandonar as barracas para habitarem edifícios de bairros sociais, queixando-se, aflitos, de pagar a renda ao fim do mês. Preferiam continuar a viver nas parcas condições que tinham!

Concordamos que é assunto complicado e que só os poderes políticos podem e devem solucionar.

MAIS DOIS concelhos percorridos e chegámos ao «Fim do Mundo». Dirigimo-nos ao Centro Pastoral onde a Irmã, fundadora e alma do mesmo, rodeada de

crianças, velhinhos e carenciados que ali passam o dia, nos atendeu e desabafou muitas notícias tristes do viver daquela gente que habita mansardas ao lado.

Sáímos e fomos com ela dar uma volta a confirmar aquelas desgraças. Uma das barracas que no ano passado ajudámos a tornar habitável

está agora abandonada e em ruínas. O dono da do lado pôs fora dela a pobre Mãe com quatro filhinhos e o marido preso, alegando que o alojamento era dele e nunca mais a deixou entrar. Ausentou-se para Espanha e anda por lá.

Aquela pobre Mãe teve de ir, com os filhinhos, habitar

um carro abandonado e estacionado no terreiro em frente e lá terá de continuar. Deixámos aquela triste situação amarfanhada por não podermos, ao menos, fazer uma barraquinha para aquela triste família. Mas!..., não podemos. São leis.

Padre Horácio



Um dos numerosos caudais de barracas e abarracadas que ainda encontramos

Moçambique

Continuação da página 1

Campanhas, só «a jeito» de proteger e não de moralizar o instinto, motivam mais a depravação. A imoralidade instala-se como um direito adquirido, desvaloriza e esvazia a moral sexual na família e a sociedade que assenta nesta, vive em plano inclinado para o abismo. Os países de África já cronicamente expurgados das suas riquezas materiais, flagelados no seu Povo por secas, fome e sede, sem

defesa eficaz para tantas doenças endémicas, precisa de santos carismáticos que protejam bem alto os valores humanos e recriem verdadeiramente o homem africano para os novos tempos.

FALANDO agora da nossa Casa temos boas notícias. O Luís que adoptei no Brasil, regressou, está em Casa dos Irmãos Maristas, em Curitiba, a preparar-se para entrar na Universidade dos mesmos Irmãos. Carinhosamente acolhido, está

entusiasmado pelo estudo. O Antoninho, um dos primeiros de Maputo, prester a acabar a 12.^a, está a tratar dos papéis para seguir o mesmo destino, com bolsa da Embaixada do Brasil e com opção de escolha para uma Universidade Federal, sem exame de aptidão se a média for alta, como é de esperar. O Telmo, seu irmão, ganhou uma bolsa de estudos oferecida pelo Colégio Verney, onde os dois outros andam. O Luís Mabunda e o António Romão, dos mais velhos

em idade e também dos primeiros a entrar aqui, já pediram o passaporte para, terminados os exames da décima, fazerem o Curso de Pecuária e Mecânica na África do Sul.

Além destes, temos mais doze que estão a tirar cursos profissionais nas Escolas Salesianas e noutras, mas já integrados no ambiente da cidade e acolhidos por algum parente que encontramos. Para cada um, uma solução e um amparo garantido para começo de vida. Vida que Deus nos deu para repassarmos, repartida, multiplicada e tanto quanto possível, dignificada. Eles eram da Rua.

Padre José Maria

Tribuna de Coimbra

Continuação da página 1

O miúdo fora ouvido, que não gostava de voltar para nós... Quem o ouvia parecia carregar na tinta e, mais e mais recados, para aqui e para ali, de sabor a perseguição.

Ficámos magoados e tristes com esta maneira de proceder institucional nada solidária.

É grande o esforço que fazemos no terreno para encontrar as soluções possíveis que ficam sempre aquém da ideal que é a família natural. Mas quando esta não existe, que valem as descobertas de gabinete? Em todo este processo que terá afinal mudado, em tão pouco tempo: a família do menor ou o critério de quem julga?

Consola-nos, ao menos, o testemunho positivo de um dos familiares do miúdo que, um dia, partilhando a nossa refeição à mesa, desabafou: — *Em casa não comias assim...*

Padre João